

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

BRENDA DE SOUZA FRANCO

**A ADAPTAÇÃO DE BEBÊS NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**SÃO LEOPOLDO
2017**

BRENDA DE SOUZA FRANCO

**A ADAPTAÇÃO DE BEBÊS NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Relato de experiência apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientador(a): Prof(a). Ms. Bianca Sordi Stock

**São Leopoldo
2017**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida e por ter me dado à graça de me especializar na profissão que eu escolhi.

Aos meus pais, Luiz Carlos e Lilia, que me ensinaram desde criança a lutar pelos meus sonhos e ideais. Obrigada por sempre acreditarem em mim e me impulsionarem a buscar sempre o melhor.

À minha irmã Bruna, que está presente em todos os momentos, me dando a certeza de que eu nunca estarei só.

Ao meu marido Afrânio, pela compreensão das noites fora de casa, e dos momentos em que abdiquei de muitas coisas para poder estudar e realizar meus trabalhos.

Ao meu pequeno príncipe Benício que me acompanhou no último semestre dentro da barriga, e nasceu praticamente junto com este trabalho.

Às minhas colegas de curso e professores, pelo crescimento, pela troca de experiência, pela amizade e pelos bons momentos que passamos juntos ao longo da especialização.

Por último e não menos importante, à minha orientadora Bianca Stock, que me acolheu, e me orientou lindamente. Obrigada por ouvir minhas angústias e por todo carinho e atenção.

A ADAPTAÇÃO DE BEBÊS NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Brenda de Souza Franco

INTRODUÇÃO

Sabemos o quanto é importante para a educação infantil a discussão sobre adaptação dos bebês que estão chegando na creche. Para este trabalho, optei realizar uma pesquisa bibliográfica em que posso fazer um conversa dos autores com a minha experiência a respeito desse assunto, o qual me deixou muito instigada, em razão de minha prática como docente.

De acordo com o dicionário escolar da língua portuguesa, adaptação é a ação de adaptar. O verbo adaptar significa ajustar uma coisa à outra; amoldar, apropriar, acomodar-se, ajustar-se.

O processo de adaptação é uma parte muito importante na vida da criança, da família, e da escola, pois a criança na maioria das vezes está se separando da família pela primeira vez. Habitualmente, isso pode gerar insegurança na família, assim como, dúvidas e receios perante a escola e ao professor. A escola precisa fazer com que a criança e a família se sintam acolhidas para que o processo tenha êxito. É importante que ocorra um trabalho em conjunto para que não seja um momento desgastante em demasia para todos.

Dessa forma, essa pesquisa tem como objetivo mostrar a importância da relação família-escola na adaptação das crianças, proporcionando um momento de reflexão e estudo sobre o assunto. Nesse sentido, a pergunta colocada é: quais aspectos precisam ser observados, a fim de garantir um processo de adaptação mais tranquilo para a criança?

De acordo com Fabian (2010), ingressar na escola de educação infantil é um grande desafio para os pais e para a criança. Há muitas expectativas de

como será e as crianças sempre ficam ansiosas, assim como seus pais e professores, o que pode ser negativo.

A autora cita ser importante que ocorra uma boa transição entre a escola e a família do bebê, pois é uma mudança significativa na maneira como a criança participa da família e da comunidade. Fazer a troca do ambiente familiar pelo escolar exige ajustamentos, tanto por parte da escola, como da família e traz mudanças de identidade, relacionamentos e papéis.

É importante que o professor faça uma entrevista com os pais antes de iniciar a adaptação, pois, dessa forma, o professor pode conhecer melhor a rotina da criança, conhecer o seu jeito, se precisa de alguma atenção especial referente a alguma deficiência ou doença que precise mais cuidado. Cria-se, assim, uma zona de transmissão dos saberes da família pra a escola, oportunizando a contemplação de aspectos singulares e culturais que envolvem o ambiente primordial de cada criança. A escola como um todo precisa estar presente em cada momento desse período, auxiliando o professor, pois é um momento muito delicado para ele também, principalmente se é a primeira vez desse profissional em sala de aula.

Para que tudo ocorra como o esperado, vale lembrar a família de que deve haver continuidade do cuidado familiar com essa criança, para que ela não se sinta abandonada pelos pais e receba cuidados somente da escola. Para a criança, é uma fase significativa, pois é quando ela estabelece relação com outras crianças e outros adultos, ampliando o seu círculo de interação. Os colegas podem ajudar nesse momento. Os que já estão adaptados auxiliam com um carinho, ou com algumas palavrinhas de apoio como: “não chora, a mamãe vem te buscar”. Para nós, professores, a ansiedade é alta, carregamos conosco a expectativa da aprovação da família, da criança, e o medo de não dar conta da turma, de fazer algo errado que acabe colocando a adaptação em jogo e o medo até de não atender as expectativas da escola.

Winnicott (2015), diz que:

a função da escola maternal não é ser substituto para uma mãe ausente, mas complementar e para ampliar o papel que, nos primeiros anos da criança, só a mãe desempenha. Uma escola maternal, ou jardim de infância, será possivelmente considerada, de modo mais correto, uma ampliação da família “para cima”, em vez de uma extensão “para baixo” da escola primária. Parece aconselhável, portanto, antes de examinarmos em detalhe o papel da escola maternal e o da professora, em

particular estabelecemos um resumo do que a criança precisa da mãe e a natureza do papel que a mãe desempenha no fomento de uma evolução psicológica saudável, nos primeiros anos de vida da criança. Só a luz do papel da mãe e das necessidades da criança é que se pode conseguir uma compreensão real da maneira como a escola maternal pode dar continuidade ao trabalho da mãe. (Winnicott, 2015, p. 214)

É preciso deixar claro para os pais e, principalmente, para as mães, que escola não vai lhes tirar o lugar na vida da criança. Eles precisam reconhecer a escola como uma extensão de sua casa, e não como um lugar onde os alunos são deixados e pronto. Para que todo o processo ocorra como o esperado, essa sintonia precisa ser estabelecida. Por menor que a criança seja a escola deve ser entendida como um amparo para aqueles pais que necessitam trabalhar fora, e não como uma afronta para as suas relações familiares.

1. COMO A ADAPTAÇÃO ACONTECE NA PRÁTICA

A minha primeira experiência foi frustrante. Cheguei na escola em Maio de 2016, em uma turma de Maternal I. As crianças tinham entre dois anos e seis meses e três anos e havia 18 crianças na turma, cuja a maioria estava ingressando na escola pela primeira vez. Trabalhava juntamente comigo uma auxiliar, que contribuiu significativamente com as crianças, pois enquanto eu atendia aqueles que choravam, ela conseguia realizar as atividades de rotina com as crianças que já estavam adaptadas. A escola era grande, as salas amplas e equipadas, mas ainda faltava muito para que a adaptação ocorresse da forma esperada.

Não tive a oportunidade de ser apresentada aos pais, tampouco de realizar entrevistas de anamnese com eles. Acredito que esse momento teria sido muito importante e extremamente necessário para a minha prática, pois acabei levando mais tempo do que o esperado para adaptar às crianças e à nova realidade, bem como a me adaptar ao novo. Senti falta do apoio da equipe diretiva e pedagógica, o que acabou tornando esse período de adaptação algo desgastante, tanto para mim quanto para as crianças.

Para Goldschmied e Jackson (2006), a forma como as educadoras e os pais conversam, comportam-se e se sentem um em relação ao outro é inevitavelmente influenciada pelo fato da criança estar na creche. As

administradoras da creche e as educadoras têm de fazer um esforço consciente para criar uma ponte que conecte a escola, o lar e a família de cada criança, por meio da qual as informações e também as pessoas possam passar livremente de um lado para o outro, de forma que haja o máximo de congruência e continuidade possível para a criança.

É importante também que o professor saiba organizar o canal de comunicação entre a família e a escola da criança. O seu relacionamento com os pais contribuirá para determinar a qualidade das experiências da criança. Além disso o educador precisa saber como conhecer o que acontece na vida da criança, sempre mantendo os pais informados sobre o progresso de seu filho.

Segundo Serafini e Prosdocimi (2015),

[...] a entrada do bebê na escola precisa ser lenta e gradual. O início é planejado no sentido de se contar com a presença de poucos bebês acompanhados de seus pais na sala e por um breve período de tempo. Aos poucos, o tempo de permanência vai se estendendo, outros bebês vão fazendo parte da turma, e os pais passam a esperar fora da sala. Nossa função aqui é de apoiar os bebês, os pais, os familiares e os professores, estando presentes para auxiliar, permitir e promover a inserção do bebê e de sua família. (Serafini e Prosdocimi, 2015, p.55)

O período de adaptação era realizado durante três dias, das 13 às 15 horas, onde os pais permaneciam do lado de fora da sala de aula. Na primeira semana havia seis alunos, após essa semana as crianças chegavam de quatro em quatro a cada três dias. O período mais longo de adaptação foi dos seis primeiros alunos que ficaram uma semana, pois de acordo com a equipe pedagógica eu precisava me adaptar a sala de aula por ser minha primeira experiência como professora.

A orientação que eu tinha da equipe pedagógica era de entrar a sala de aula, não dar colo para eles não ficarem manhosos, e chamar os pais somente se o caso fosse muito grave, do contrário eles deveriam ficar chorando. Algumas crianças levavam um objeto para sentirem-se seguros e de certa maneira suprir a falta da mãe e do seu ambiente familiar. Quando isso acontecia, eu deveria retirar o objeto da criança e colocá-lo dentro da mochila, devolvendo somente na hora de ir embora.

De acordo com Winnicott (2015), a relação com o objeto é algo que desenvolve uma relação de importância para a criança. Em certo sentido, é a primeira possessão, ou seja, o primeiro objeto que pertence a ela depois de sua mãe.

Esses fatos desenvolvem-se paralelamente ao início de um sentido de segurança e também ao início das relações da criança com uma pessoa. Constituem uma prova de que as coisas estão correndo bem no desenvolvimento emocional da criança e de que começam a acumular-se as recordações de relações. Estas podem ser ainda usadas nessa nova relação com o objeto, a que gosto de chamar um objeto transitório. Não é o próprio objeto, claro, que é transitório; representa a transição da criança de um estado de fusão com a mãe para um estado de relacionamento com a mãe como algo externo e separado. (Winnicott, 2015, p. 190)

É importante salientar que na maioria das vezes esse objeto ajuda a criança na transição do ambiente familiar para o escolar. É preciso ter sensibilidade, e deixar com que essa criança fique com o seu objeto, pois ele lhe traz segurança. Se por ventura, essa criança não largar o objeto conforme o tempo for passando e ela já estiver adaptada, aí se faz necessário uma intervenção. Porém, com delicadeza, conversando com os pais, com a criança e com a escola.

A equipe diretiva e pedagógica da escola tem uma função fundamental para que a adaptação não se torne algo sacrificante. As autoras Serafine e Prosdocimi (2015), falam da importância que a escola tem durante esse período. É muito importante que ocorra momentos de auxílio, conversa e reflexão em equipe para poder encontrar a melhor solução para aquela criança que está com alguma dificuldade no seu período de adaptação.

Citam, ainda, que toda e qualquer intervenção realizada precisa ser no ambiente em que a criança está inserida. Assim, a equipe de apoio faz parte da rotina desse aluno, podendo realizar uma intervenção eficaz tanto com o professor quanto com a criança. É imprescindível que os educadores, pais e equipe diretiva pensem e construam juntos, pois esses momentos de troca são importantes para a criança, pois as pontes para que esse aluno se sinta seguro no ambiente escolar estão sendo construídas em conjunto.

2. DE QUE MANEIRA O AMBIENTE TEM INFLUÊNCIA NA ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS

Em minha experiência, tentei pensar e oferecer um ambiente que fosse acolhedor, tanto para os pais quanto para as crianças. Após tantos momentos de angústia, tomei a iniciativa de proporcionar esses momentos especiais, mesmo sem o apoio necessário. Cerquei-me de embasamento teórico, pois se houvesse alguma intervenção ou dúvidas quanto ao meu trabalho, eu estaria pronta para responder e questionar. Para isso, busquei informações nos autores citados e nas anotações feitas ao longo do curso de especialização.

Aos poucos fui conhecendo os pais e familiares enquanto eles levavam ou buscavam as crianças, e sempre que possível conversava um pouco para poder conhecer os alunos, e entender as angústias dos pais, podendo assim ajuda-los no processo de adaptação. Esses momentos eram raros, porem de extrema importância, pois as crianças trazem muitas coisas intimas com elas que não gostam de compartilhar, e essa conversa por vezes fazia com que eu entendesse melhor cada atitude do aluno.

A partir do momento em que mudei minhas atitudes em relação às crianças e à escola, a interação se qualificou. Ofereci carinho, colo, atenção, e aos poucos ganhei a confiança das crianças e dos pais, fiz tudo de uma maneira que eles se sentissem confortáveis para falar e solicitar qualquer coisa. Winnicott (2012) conceitualiza como Holding, palavra que tem um sentido preciso em inglês, quer dizer que alguém estava ajudando lhe ajudando a fazer alguma coisa e simplesmente desapareceu, e você ficou ali “segurando o bebê”. Geralmente quando as pessoas veem um bebê, adoram que ofereçam-lhe para coloca-lo no colo. Winnicott ainda cita que o bebê pode se sentir seguro e acarinhado quando segurado no colo de alguém que lhe passe confiança, ou ficar agitado e chorar no colo de algumas pessoas. A partir de então os dias se tornaram mais leves, o choro de alguns começou a cessar, e as primeiras crianças já estavam adaptadas.

Um aluno em especial marcou muito este período, ele foi o que levou mais tempo para adaptar, é um dos que nunca havia frequentado a escola antes. A mãe o deixava na sala de aula, mesmo chorando e ficava firme do lado de fora. Já, o pai, já era mais resistente. Caso a criança chorasse ao

chegar, o pai o levava embora. Foi bem difícil construir uma relação de confiança com o pai e mostrar a ele que o menino estava bem cuidado e que qualquer problema o chamaria.

Neste sentido pode-se falar sobre o apego, Gonzalez-Mena e Eyer (2014) dizem que, geralmente, a criança se apega a mãe que se torna a sua primeira referência, porém, algumas crianças estão ficando cada vez mais apegadas aos pais, principalmente quando a mãe opta por trabalhar fora e os pais optam por ficar mais tempo em casa. Elas citam que é importante para a criança ser cuidada por outras pessoas que não sejam da família, chamam isso de apego secundário, o que é de extrema importância para o amadurecimento socioemocional da criança.

Por vezes, os pais ou responsáveis não gostam quando a criança se apega a professora, pois acreditam que estão perdendo seus lugares na vida deles. As autoras dizem que esse apego com os educadores é completamente diferente do apego aos pais de muitas formas, uma delas é a duração dessa relação, pois o apego aos pais dura uma vida toda, já com as cuidadoras ocorre somente por um período.

o apego é essencial no desenvolvimento de bebês e crianças pequenas e deve ser incentivado nos programas de assistência infantil. Ao mesmo tempo, é preciso que os cuidadores se deem conta de que os pais podem temer que os filhos desenvolvam apegos secundários fora de casa ao ponto de perderem o apego primário pelos pais. Os cuidadores podem ajudar os pais a superar esses medos mostrando a eles que tais temores são infundados. Os apegos secundários ocorrem adicionalmente aos primários, e não em substituição a eles. A ansiedade de separação e todos os sentimentos relacionados a ser deixado em uma creche devem ser preocupações tanto dos pais quanto dos cuidadores, que precisam ajudar a criança a lidar com eles até que ela se sinta confortável. O que pode confortar os pais é saber que tais sentimentos sinalizam que o apego é forte e que se perpetuará. As crianças aprenderão a lidar com a separação, e tal habilidade será útil durante a vida toda. Os vários comportamentos que demonstram apego e as habilidades relacionadas a isso, desenvolvidas pela criança, indicam que ela está começando a confiar nos outros e, ao mesmo tempo, está se tornando autoconfiante. (GONZALEZ-MENA e EYER, 2014, p. 100)

É importante salientar que o professor deve fazer a sua parte para que os pais não sintam esse apego secundário como uma ameaça a eles. O trabalho é feito em conjunto, conquistando a confiança da família, da criança, e

do educador. Após o período de adaptação, o pai do aluno conseguiu confiar em mim, e percebeu que o mesmo apego que o menino sentia por ele anteriormente continuava da mesma forma. Sabe-se o quanto é difícil para um pai ou uma mãe colocar seu filho na escola pela primeira vez, por esse motivo, a relação família e professor deve ser valorizada.

O aluno chorava do momento em que entrava na sala de aula, até o horário de ir embora, tanto no período de adaptação estipulado pela escola, quanto depois desse período. Agoniava-me muito, pois um dia ele chorou tanto que chegou a vomitar. Quando eu percebia que realmente era demais e que não dava para trabalhar com ele naquele estado chamava a mãe que ficava do lado de fora da sala, lembrando que ela era chamada somente nos três dias de adaptação, após esse período, deveria solicitar para a direção ligar para ela, o que dificilmente ocorria. Fui repreendida diversas vezes pela direção, pois elas diziam que eu deveria parar de chamar a mãe por qualquer choro, que aquilo era manha e não necessidade.

O aluno dependia inteiramente da mãe ou do pai quando esse se fazia presente, Winnicott (2012) afirma que é importante reconhecer o fato da dependência. A dependência é real. É tão óbvio que os bebês e as crianças não conseguem se virar por si próprios, que as simples ocorrências de dependência passam facilmente despercebidas.

Conversei com a equipe pedagógica para que esse aluno ficasse um período a mais na adaptação, pois o caso era extremo, elas disseram que entendiam e que falariam com a mãe. No quarto dia de adaptação a direção mandou a mãe embora, disse que não havia necessidade dela permanecer na escola. Neste dia o menino chorou tanto que eu já não sabia o que fazer, a vontade que eu tinha era de sair correndo e não voltar mais. Até que o aluno avistou o DVD da Galinha Pintadinha e pediu para assistir. O filme iniciou, os minutos foram passando, e o choro foi parando, até que parou por completo. Nunca imaginei que utilizaria um DVD como recurso para adaptação, desde então, construímos uma relação de confiança um com o outro e ele ficou na escola bem adaptado, após esse sufoco todo. Winnicott (2015) coloca que pode-se observar a criança desenvolvendo seu interesse por algo e tornar esse objeto como parte integrante de si mesmo; o aluno fez o uso do objeto e depois quando se sentiu seguro rejeitou de forma que não precisava mais daquilo

como objeto de apego. Durante o tempo em que assistíamos ao DVD, ele ficava no meu colo, conversando sobre a Galinha e sobre os animais que ele tinha em casa. Desta forma, fomos estabelecendo uma relação de confiança, comunicação e apego. E ele começou a chegar na escola querendo brincar e realizar as atividades, sem chorar. Havia dias em que eu pensava em desistir, pedir que me trocassem de turma, ou que dissessem para a família que não teria condições, mas hoje me sinto orgulhosa por ter conseguido.

desfrute encontrando o que há para encontrar, à medida que aparece, da pessoa que o seu bebê é, porque ele precisa disso. De modo que você esperará, sem pressa, precipitação ou impaciência, que o bebê queira brincar. É isso, sobretudo, que indica a existência de uma vida interior pessoal no bebê. Se ele encontrar em você uma correspondente disposição lúdica, a riqueza íntima do bebê desabrochará e as brincadeiras entre a mãe e o bebê tornam-se a melhor parte da relação entre ambos. (WINNICOTT, 2015, p. 88)

De acordo com Winnicott (2015), é preciso conceder a criança um tempo para suas experiências totais, e participando nelas, a mãe vai estabelecendo gradualmente as bases para que a criança desfrute, de todas as espécies de experiências sem precipitações. É preciso entender que, assim como nós adultos, cada criança tem um tempo diferenciado para as coisas, e é extremamente necessário respeitar isso.

Recebi críticas da equipe diretiva e até de algumas colegas professoras da escola, diziam que eu não conseguiria adaptar, pois dava muito carinho, mimava demais os alunos e desta forma eles não me respeitariam. Hoje, vejo que o resultado foi muito satisfatório, pois resolvi não escutar essas críticas, segui conselhos dos professores e das colegas da pós-graduação em Educação Infantil, os quais foram me deixando mais segura.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, trago a importância que a Especialização em Educação Infantil teve para que esse processo não se tornasse mais doloroso ainda para os meus alunos e eu. As disciplinas que falavam mais sobre a psicologia da criança me levaram a refletir e a realmente enxergar a criança como um ser humano, que possui opinião e vontades próprias. É possível realizar um trabalho onde a criança é ouvida, é inserida nas atividades de maneira que ela se sinta importante.

A troca de experiência com as colegas e principalmente com os professores da especialização foi o que de fato me deu suporte para concluir essa etapa com sucesso. É importante salientar que sempre devemos buscar em algum lugar o suporte necessário para que nossa prática funcione da maneira como deve ser. Quando não se tem experiência, como ocorreu comigo, é importante buscar em autores, refletir, e buscar conhecimento sobre como e o que fazer em relação às crianças. Se eu estivesse sozinha, sem apoio nenhum, teria sido um martírio, e eu não teria proporcionado tantos momentos de diversão e carinho com os alunos. Desta forma, a partir do momento em que busquei conhecimento, pude dar o meu melhor em sala de aula, e isso me encheu de orgulho, pois eu consegui.

Uma estratégia relevante para a qualificação do período de adaptação, é a oferta de um espaço de conversa e reflexão com os professores da escola, a fim de favorecer a troca de experiências entre eles. Da mesma forma que um momento de estudo em grupo poderia ser válido, pois sempre temos muito que aprender, nunca estamos prontos o suficiente, e superar alguns obstáculos fica mais fácil com essa possibilidade.

Neste sentido, Serafini e Prosdocimi (2015) dizem que:

construir um espaço de fala e de troca entre os profissionais da escola é uma forma de possibilitar arranjos e significações que certamente contribuirão para o desenvolvimento de uma prática pedagógica de melhor qualidade. Também são propiciadas conversas individuais com o objetivo de auxiliar o educador na relação que estabelece com cada bebê e sua família. São espaços para pensar e construir estratégias de intervenção individuais quando necessárias, ou ainda para auxiliar na comunicação com os pais, uma relação fundamental muito

importante para que todos os envolvidos com o bebê estejam seguros e tranquilos. (Serafini e Prosdociami, 2015, p. 58)

Se esses momentos fossem oferecidos em todas as escolas, a adaptação seria mais tranquila de se lidar. Por vezes, a equipe pedagógica e diretiva acredita que tudo é manha, que as crianças manipulam com o choro para não ficar na creche. Entretanto, as crianças precisam de um ambiente acolhedor, onde elas se sintam confortáveis para brincar e falar sobre seus pensamentos e emoções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bueno, F. da S. Dicionário escolar da língua portuguesa. – 11ª ed./9ª tiragem – Rio de Janeiro: FAE, 1985.

Fabian, Hilary. Capítulo 10: O desafio de ingressar na escola. IN: Moyles, Janet. **Fundamentos da Educação Infantil: enfrentando o desafio.** – Porto Alegre: Artmed, 2010.

Goldschmied, Elinor. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche.** – 2ª edição – Porto Alegre: Grupo A, 2006.

Gonzalez – Mena, Janet; Eyer, Diane Widmeyer. **O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche: um currículo de educação e cuidado baseados em relações qualificadas.** – 9ª edição – Porto Alegre: AMGH, 2014.

Serafini, G. C. C. ; Prosdocimi R. G. Capítulo 3: Bebês na escola e o olhar da psicologia. IN: Cairuga, R. R.; Castro, M. da C. ; Costa, M. R. da (organizadoras). **Bebês na escola: observação, sensibilidade e experiências essenciais.** 2ª edição – Porto Alegre: Mediação, 2015.

Winnicott, Donald Woods. **A criança e o seu mundo.** 6ª edição – Rio de Janeiro: LCT, 2015.

Winnicott, Donald Woods. **Os bebês e suas mães** – 4ª edição – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.